

Marx e o cadáver insepulto de J. Monroe

A. Sérgio Barroso

“A ‘doutrina’ proclamada pelo presidente James Monroe em 1823... Durante muitas décadas não foi mais que um blefe ianque... Potências europeias fizeram múltiplas intervenções na América Latina, frequentemente em missões para receber dívidas, antes e depois da Guerra Civil americana” (Niall FERGUSON, 2011).[1]

Este artigo argumenta que a decadência do imperialismo norte-americano é irreversível, enquanto potência que se pretendeu, na década de 1990, imperar um mundo unipolar, pós desintegração dos países do Leste europeu e da União Soviética (1989-1991). Parte de um enfoque filosófico para aclarar os signos do conceito de “Sistema”, conforme as interpretações dos grandes filósofos. Assinala a principalidade da categoria “Contradição” como categoria incontornável de análise das tendências gerais das lutas de classes e do desenvolvimento dos processos históricos. Examina a seguir aspectos relevantes da objetividade multifacética na regressão desse país. Afirma que a propalada estratégia de segurança dos EUA não se viabilizará – e que de suas más intenções o inferno já está superlotado; não há mais vagas.

Os Estados Unidos da América processam seu estágio terminal como **hegemon**. O que não quer dizer colapso iminente. Quer dizer que não haverá mais retorno a sua supremacia global, seja como “estabilizador hegemônico” (C. Kindleberger), seja como potência de um sistema internacional unipolar, gestado desde o fim da bipolaridade mundial. Encontra-se em andamento uma nova conformação geopolítica multipolar, simultaneamente a um sistema internacional plurimonetário.

Um dos pontos nevrálgicos da decadência dos impérios remete-se à chamada “extensão estratégica extensiva”: a sustentação do conjunto de recursos para a manutenção do *dominium* entra em esgotamento. E tudo passa a girar em torno do predomínio da supremacia militar, também contestada. Desaparece completamente uma das condições essenciais para a conquista da hegemonia: o “consenso” (Gramsci); ao isolamento resta-lhe a força bruta e o belicismo. Dessa maneira, o problema central que hoje rege a dinâmica do Sistema de Relações Internacionais é o notável declínio dos EUA, não outro.

APARÊNCIA E CONTRADIÇÃO

As razões principais para interpretação desse fenômeno são que as tendências histórico-estruturais desenvolvidas passaram à absolutização frente às contra-tendências (Marx), no quadro atual de intensificação concorrencial na

ascensão de potências emergentes, e de ferrenha disputa geopolítica global. Aliás, um dos postulados centrais das teorias marxianas é esta antinomia, elevada, por ele e Engels, à categoria de contradição dialética. Em toda a (principal) obra desses geniais pensadores e cientistas sociais revolucionários, essa episteme vai construindo uma nova Lógica dialética. Por isso o conceito de “Sistema” em Marx e Engels é “aberto”, em oposição aos de Kant e Hegel: “fechados”. [2]

Sistema marxiano aberto, simultaneamente remetendo à distinção crucial entre fenômeno e essência: esta se manifesta no fenômeno (aparência). Esse duplo sentido projeta o fenômeno indicando à essência, mas escondendo-a no mesmo momento. Ou, como escreveu Marx a Engels (1867) “Se os homens apreendessem imediatamente as conexões, para que serviria ciência?” [3] Essa postulação marxista, em certo detalhe, diz respeito à capacidade e compreensão analíticas que mais se aproxima do *concretum*. Porque a dialética materialista, incidente e emanada no movimento da contradição exige compreender o fundamento da contradição, a estrutura que a orienta ou dirige, assim como a dinâmica que a alimenta. Do contrário, os sofismas jamais aportarão maneiras de equacioná-las ou removê-las. [4]

Assim, a superação marxiana do pensamento idealista implica em se por “de cabeça para acima” a “pseudoconcreticidade” da análise da aparência (K. KOSIK (Op. cit,17-20). Concluindo aqui que, do pensamento sistêmico “fechado” deriva a escatologia.

Parte II

IMPÉRIOS EM DECLÍNIO

“Nessas circunstâncias, não há perspectivas para um retorno ao mundo imperial do passado e muito menos para uma hegemonia imperial global, que não tem precedentes na história, por parte de um único país, os Estados Unidos, por maior que seja sua força militar. A era dos impérios está morta” (HOBSEBAWM, 2007[2004]).[5]

Em “Sobre o fim dos impérios”, citado na epígrafe, podemos resumir brevemente a argumentação lógica e histórica de HOBSEBAWM no seguinte:

(i) O mundo hoje é excessivamente complexo para que um único Estado consiga dominá-lo sozinho. (ii) Ainda que os Estados Unidos possuam superioridade militar (armamento de alta tecnologia), isso não é absolutamente decisivo para um cenário de domínio global, como se provou a trágica e “pouca eficiência” guerras no Oriente Médio. (iii) Historicamente, os EUA tornaram-se um grande país imperialista simultaneamente a ser também o maior devedor; o império britânico, por exemplo, controlador das principais rotas comerciais,

tornou-se insolvente somente ao final da 1ª Guerra Mundial. Essa forte debilidade tática e estratégica passou a obstaculizar o pleno exercício de sua hegemonia. (iv) Para Hobsbawm, deve-se considerar que a era dos impérios formais (colonialismo), finda após a Segunda Guerra Mundial, e com a subsequente descolonização, alteraram, no fundamental, a dinâmica do poder global. (v) A mudança nos terrenos econômicos e políticos no século 21 vêm demonstrando ser uma “ilusão imperial” a tentativa de afirmação da supremacia militar global pela força, o *que está fadado ao fracasso* – afirma ele.

Com efeito, as determinações que enquadram a decadência hodierna do império americano remetem, antes do mais, a uma sociedade internamente dilacerada por regressões sociais, políticas e econômicas inusitadas, conquanto antagônica dos “Anos dourados” do pós-Segunda Guerra, como definiram estudiosos anglo-saxões, e franceses (“Os trinta gloriosos”).

CRESCE A POBREZA AMERICANA

Muito recentemente, um estudo liderado pelo sociólogo Mark Rank demonstrou que quase 60% dos norte-americanos adultos viverão pelo menos um ano abaixo da linha da pobreza e 75% vivenciarão pobreza ou uma situação parecida. “É um problema estrutural, que se deve principalmente a dois fatores: sua rede de previdência social muito fraca, que não consegue impedir que as pessoas caiam na pobreza, e a criação de empregos com baixa remuneração e sem subsídios”. Rank corrobora que esta combinação transformou os Estados Unidos em um dos países com os mais altos índices de pobreza, entre as nações industrializadas (Cf. “A ‘pobreza’ repentina que faz com que milhões de pessoas nos EUA dependam de ajuda para não passar fome”, BBC, 25/12/2025).

Noutra pesquisa, do centro de estudos Pew Research Center, publicada em maio de 2025, 27% dos americanos declararam ter enfrentado problemas para pagar pela assistência médica, própria ou de sua família, no último ano. E pelo menos 20% das pessoas precisaram recorrer a um banco de alimentos no mesmo período. As pesquisadoras Kim Parker e Luona Lin afirmam que 68% dos adultos afro-americanos e 67% dos adultos hispano-americanos admitem não dispor de fundo de reserva para emergências, da mesma forma que 44% dos adultos brancos. Outra pesquisa, realizada pelo Conselho Nacional para o Envelhecimento (NCOA, na sigla em inglês) e pelo centro de estudos LeadingAge LTSS, da Universidade de Massachusetts em Boston, nos Estados Unidos, revelou que os idosos com menos recursos econômicos morrem, em média, nove anos antes dos que contam com maior patrimônio. “É alarmante e inaceitável que, nos Estados Unidos, em 2025, a pobreza roube quase uma década de vida dos idosos”, declarou o presidente e diretor-executivo do NCOA, Ramsey Alwin (aqui: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cglglpye18jo>).

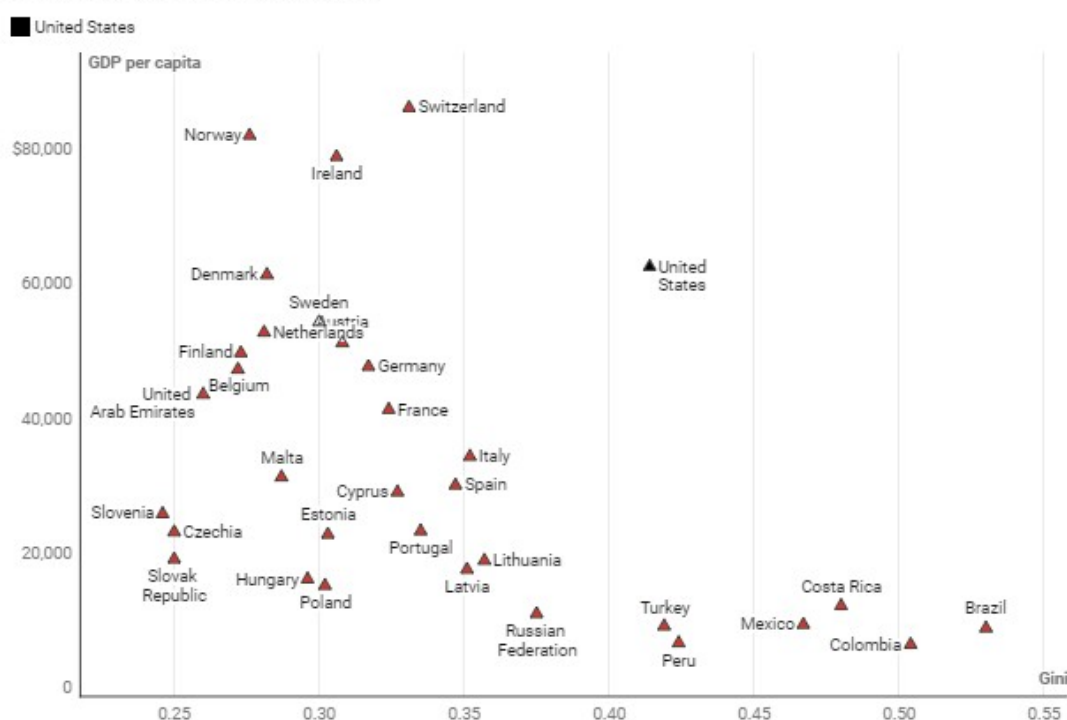
DESIGUALDADE CRESCENTE

O gráfico de dispersão abaixo, é preciso em demonstrar o enorme fosso da desigualdade os EUA frente a países considerados “desenvolvidos”. Conforme o Banco Mundial, Ainda em 2018 a situação da desigualdade dos EUA era similar a da Turquia e ao Peru, e menos desigual que o México, o Brasil (o mais desigual analisado), Costa Rica e Colômbia.

2018, segundo o Banco Mundial.

Inequality is higher in the US than in other rich countries

Economists measure the gap between the rich and the poor with what's known as the Gini index or coefficient. It's calculated by assessing the relative share of national income received by proportions of the population. With absolute equality, the Gini coefficient would be 0. If one person hogged all income, it would be 1. This index is higher in the U.S. than in other countries with high incomes.



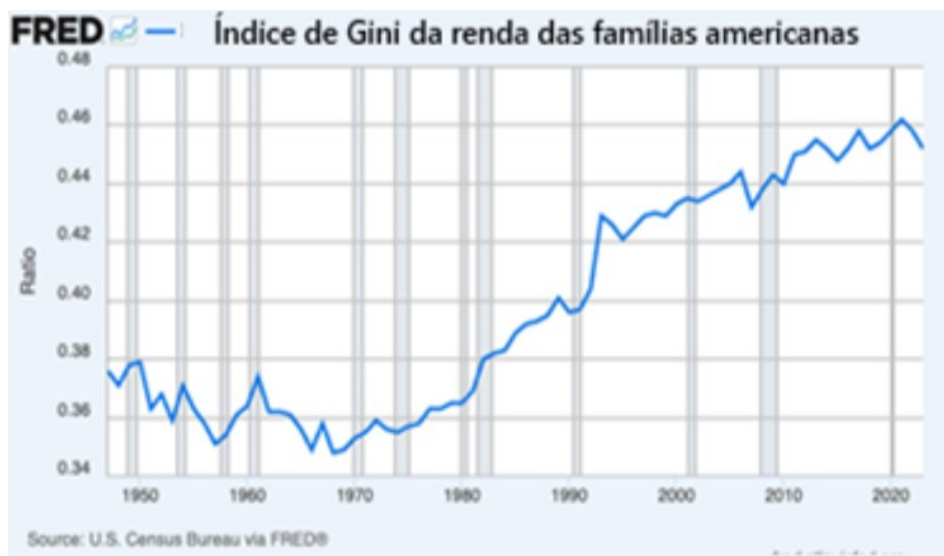
Data is from 2018, the most recent year for which it is available for all of these countries
Chart: The Conversation, CC-BY-ND • Source: World Bank • [Get the data](#) • [Download image](#)

(Aqui: <https://theconversation.com/why-inequality-is-growing-in-the-us-and-around-the-world-191642>).

Neste janeiro de 2026, pesquisas indicam que a desigualdade nos EUA atingiu o patamar mais alto desde a Segunda Guerra Mundial: a) o 1% mais rico agora controla 31,7% de toda a riqueza do país (cerca de US\$ 55 trilhões), montante quase equivalente ao patrimônio dos 90% da base combinados; b) a desigualdade voltou a subir após um breve período de nivelamento no final da década de 2010. O fator principal foi o ganho acumulado no mercado de ações entre 2023 e 2025, reconcentrador de mais riqueza aos mais ricos; c) enquanto os 10% mais ricos detêm cerca de 63% dos ativos e são pouco afetados pela inflação, os 50% da base da pirâmide detêm apenas 5% dos ativos e enfrentam

dificuldades crescentes com o custo de vida, e para pagar e refinarçar suas dívidas. E de acordo com economista da agência Moodys, os americanos de baixa renda enfrentam dívidas cada vez maiores:” o que cresceu nesse grupo foi só a raiva” (aqui: <https://neofeed.com.br/economia/economia-dos-eua-amplia-dependencia-dos-gastos-dos-mais-ricos-o-que-e-um-problema/>); tb. Aqui: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2026-01-21/us-inequality-hits-postwar-high-as-wealth-of-the-richest-surges?embedded-checkout=true>

Observe-se ainda e nesse sentido, o incontestável gráfico exibido pelo conhecido economista americano e prêmio Nobel de economia P. KRUGMAN, acerca do principal indicador internacional que mensura a desigualdade de renda e riqueza (Aqui: <https://necat.ufsc.br/a-desigualdade-nos-estados-unidos/>).



Nesse mesmo ano (agosto de 2020), a BBC publicou uma impressionante pesquisa sobre a realidade da pobreza americana, denominada: “Por que os EUA têm os piores índices de pobreza do mundo desenvolvido”.

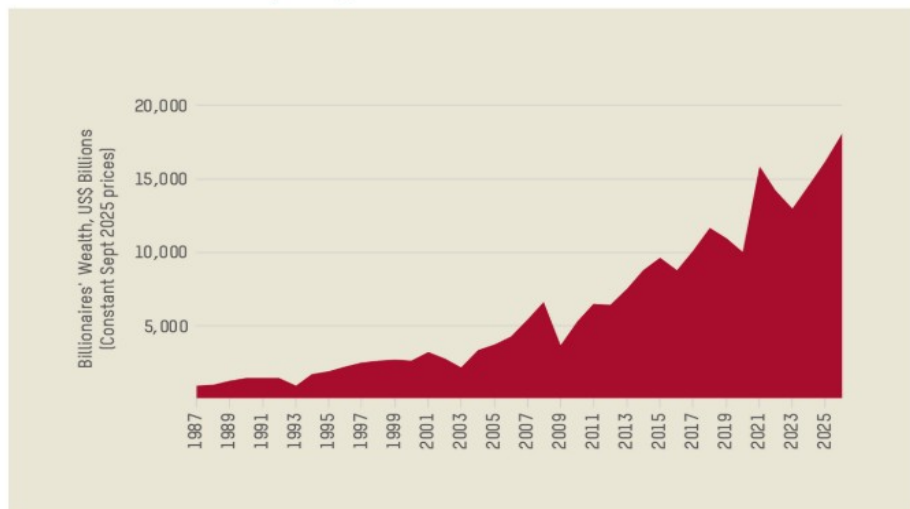
(Ver aqui: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53562958>)

Na realidade, o Coeficiente de Gini nos EUA (entre 2025-2026) persiste com a *pior distribuição de renda entre as nações do G7*. Estima-se também que cerca de 12,7% da população (37 milhões de pessoas) vive abaixo da linha da pobreza. Reitera-se que a desigualdade também persiste em recortes demográficos: em 2024, a disparidade salarial de gênero voltou a aumentar após 20 anos de relativa estabilidade.

De outra parte, 40% da população dos EUA — incluindo quase 50% das crianças —, em 2025, é considerada pobre ou de baixa renda, segundo a Oxfam. De fato, há poucos dias o relatório da Oxfam divulgado no Fórum Econômico Mundial em Davos (janeiro de 2026) aponta que o mundo atingiu um cenário de *extrema desigualdade*, com governos protegendo da riqueza

dos bilionários em detrimento da maioria da população. Nos Estados Unidos (2025-2026), a organização descreve uma “aceleração sem precedentes na concentração de riqueza”, descrita, sob este governo Trump, como “o ano do presente para os super-ricos” – um escândalo sem precedentes! (Aqui: <https://www.wsws.org/en/articles/2026/01/21/zpqh-j21.html>). Eis o gráfico principal da OXFAM:

**FIGURE 1: EVOLUTION OF BILLIONAIRES' WEALTH
1987-NOV 2025, US\$ BILLIONS IN REAL TERMS**



Source: Forbes Annual and Real-Time Billionaires Lists

MORTALIDADE INFANTIL

As taxas de mortalidade infantil nos EUA voltaram a subir: por estado, em 2022 variaram de um mínimo de 3,32 por mil nascidos vivos, em Massachusetts, a um máximo de 9,11 no Mississippi, relativamente a 2021.

(Aqui: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK606163/>)

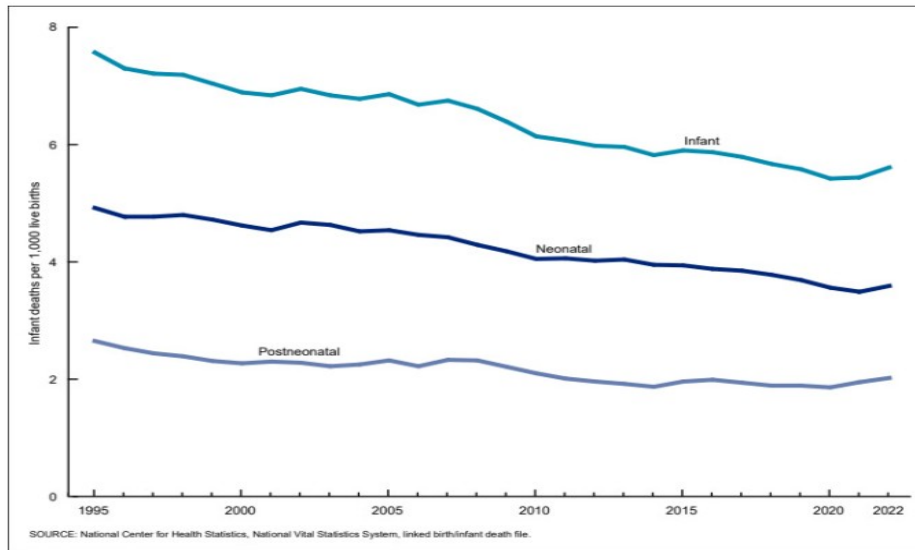


Figura 1. Taxas de mortalidade infantil, neonatal e pós-neonatal: Estados Unidos, 1995–2022

FONTE: Centro Nacional de Estatísticas de Saúde, Sistema Nacional de Estatísticas Vitais, arquivo vinculado de nascimentos/óbitos infantis.

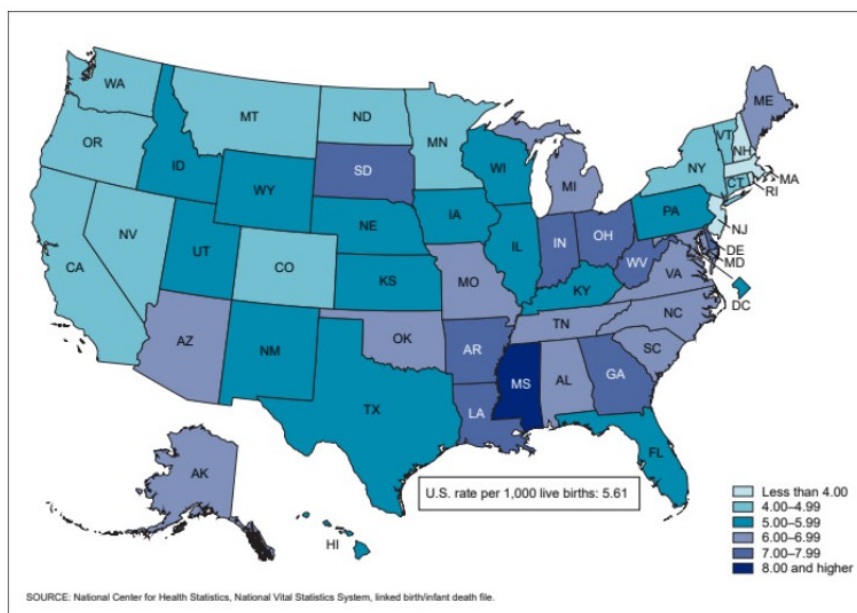


Figura 4. Taxa de mortalidade infantil por estado: Estados Unidos, 2022

FONTE: Centro Nacional de Estatísticas de Saúde, Sistema Nacional de Estatísticas Vitais, arquivo vinculado de nascimentos/óbitos infantis.

A desigualdade socioeconômica é o fator importante, para a vigência da mortalidade pós-neonatal mais alta em grupos desfavorecidos nos EUA; anomalias congênitas, são condições relacionadas ao parto prematuro e baixo peso ao nascer, e Síndrome da Morte Súbita do Lactente (SMSL) são as principais causas; assim como a questão racial, em que o aumento maior foi observado entre bebês negros não hispânicos. *A taxa dos EUA é mais alta que a média de países desenvolvidos comparáveis.* [Ver: de [Alice Chen](#) , [Emily](#)

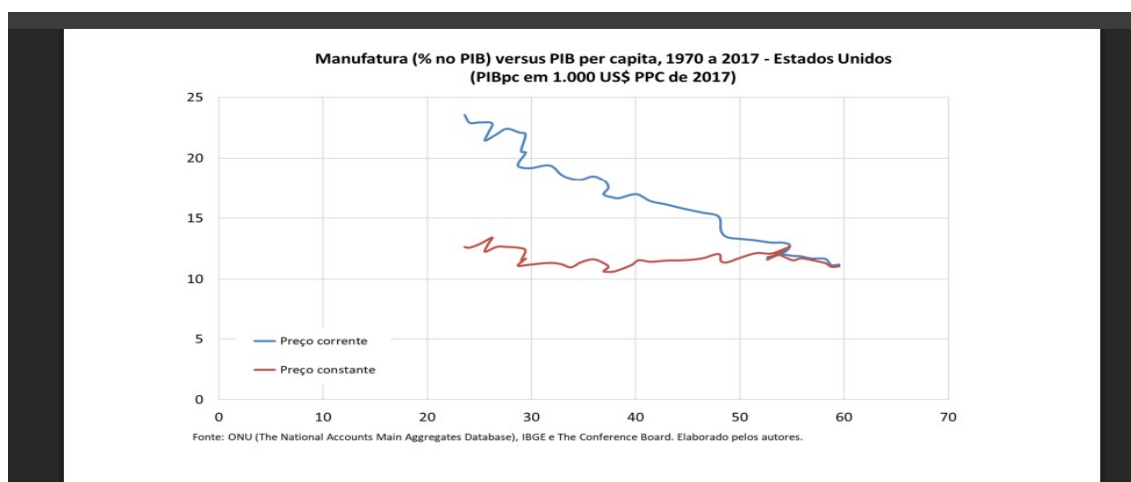
[Oster](#) e [Heidi Williams](#) , “Por que a mortalidade infantil é maior nos EUA do que na Europa?” (NBER Working Paper nº [20525](#))].

Concluem esses(as) autores(as) que a desvantagem na taxa de mortalidade infantil nos EUA varia de acordo com o grupo racial e o nível de escolaridade. Eles constataam que a maior taxa de mortalidade pós-neonatal nos EUA é impulsionada quase que inteiramente pelo excesso de mortalidade entre indivíduos de ‘baixa condição socioeconômica’. Como observam, “os bebês nascidos de mulheres brancas, com ensino superior e casadas nos EUA apresentam taxas de mortalidade essencialmente indistinguíveis das de um grupo demográfico semelhante e privilegiado na Áustria e na Finlândia”. (Idem, 2025). (Veja gráfico aqui: <https://www.nber.org/bah/2015no1/why-infant-mortality-higher-us-europe?page=1&perPage=50>)

Por sua feita, estudos recentes nos EUA mostram que a taxa de fecundidade (representa o número médio de filhos por mulher) caiu significativamente, atingindo cerca de 1,6 em 2024, bem abaixo do conceituado “nível de substituição” de 2,1 necessário para manter uma população estável sem imigração.

DESINDUSTRIALIZAÇÃO

A desindustrialização americana aponta, entre outras, que a participação da manufatura no PIB dos EUA caiu ao longo das últimas décadas: *em 1970, o setor respondia por cerca de 24% da economia americana; em 2023, representava menos de 11%*; a queda no emprego industrial também foi violenta: *mais de 7 milhões de vagas industriais desapareceram desde o auge nos anos 1970*. (Gráfico abaixo do IEDI, 2019).



O emprego na indústria manufatureira dos EUA havia alcançado um pico em 1979, com 19,5 milhões de empregados; caiu para pouco mais de 17 milhões em 2000; chegou a aproximadamente 13 milhões em janeiro de 2023; *a porcentagem de trabalhadores empregados na indústria manufatureira caiu*

para menos da metade desde 1980, assim como sua participação no produto interno bruto (PIB) de 1978 a 2018.

Numa análise mais geral, segundo o economista Paulo Gala, o historiador de MIT, Peter Temin, em seu livro *The Vanishing of the Middle Class* (“O desaparecimento da classe média”, MIT, 2017), mostrou que os EUA vêm passando por um longo processo regressivo em sua estrutura produtiva com claros e nefastos efeitos concentradores da renda e da riqueza. O setor de Finanças, Tecnologia e Eletrônica (FTE) é responsável por concentrar grande parte dos rendimentos totais do país, deixando uma parcela muito pequena do produto nacional para um vasto contingente de trabalhadores não qualificados e alocados em setores de baixa densidade tecnológica. Gala cita ainda Lance Taylor, da New School for Social Research que, em trabalho recente com a economista Özlem Ömer, a referida “dualidade” resulta de um retorno da economia norte-americana a uma estrutura econômica muito desigual, em face de mudanças institucionais e tecnológicas profundas e da expansão chinesa.

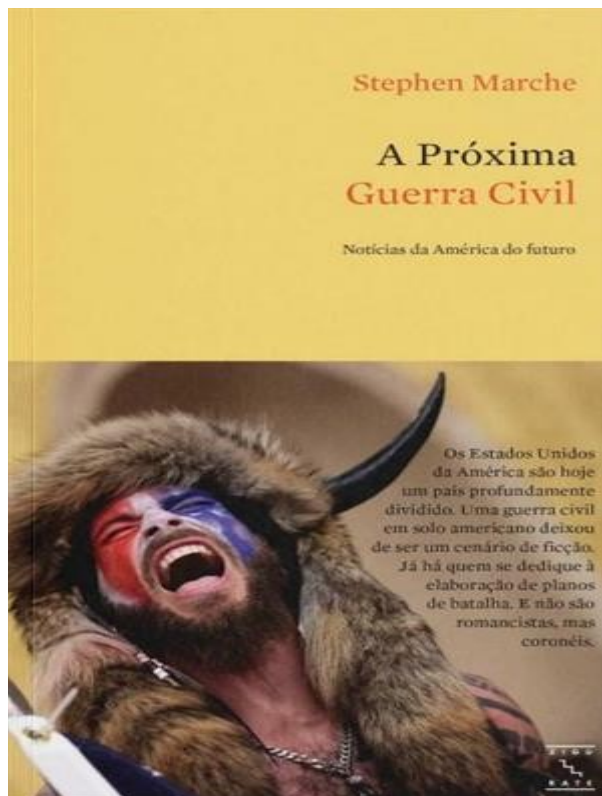
A “aniquilação de empregos” se concentrou em setores como tecnologia da informação, atacado, varejo, agricultura e manufatura. A robotização, fruto do processo de automação que ocorre há mais de dois séculos, também teria contribuído para um crescimento mais lento do emprego, principalmente ao bloquear o acesso de jovens ingressantes na força de trabalho industrial; o desemprego industrial contribuiu com a compressão salarial de toda a economia e com a deterioração de numerosos centros urbanos dependentes da produção industrial, como Detroit e Flint, no estado de Michigan; a desigualdade econômica que daí resultou fez florescerem os recortes raciais e étnicos da polarização social e política. (Aqui:

<https://www.paulogala.com.br/a-fabrica-americana/>)

Em 2011, o empresário e cientista Jeff Stilbel já descrevera, para revista *Harvard Business Review*, um relato impressionante sobre os múltiplos efeitos do fenômeno apontado por Gala, no artigo “O desaparecimento da classe média americana: uma história de duas economias”. (Aqui: <https://hbr.org/2011/05/americas-vanishing-middle-clas?language=pt>

NOVA GUERRA CIVIL?

“Na verdade, os sulistas não poderiam estar cansados de ver os frutos de seu trabalho escravo roubados por uma tarifa protecionista do Norte, considerando que de 1846 a 1861 eles tiveram uma tarifa de livre-comércio” (MARX, “A questão americana na Inglaterra”, em: “A guerra civil dos Estados Unidos”, New York Daily Tribune, 1861). [6]



Vários pesquisadores e cientistas políticos contemporâneos têm publicado obras alertando para o risco iminente de uma nova guerra civil nos EUA, baseando-se na polarização extrema, no declínio democrático e na violência política observada nos últimos anos. De variadas matizes ideológicos e não-marxistas, suas teses principais são:

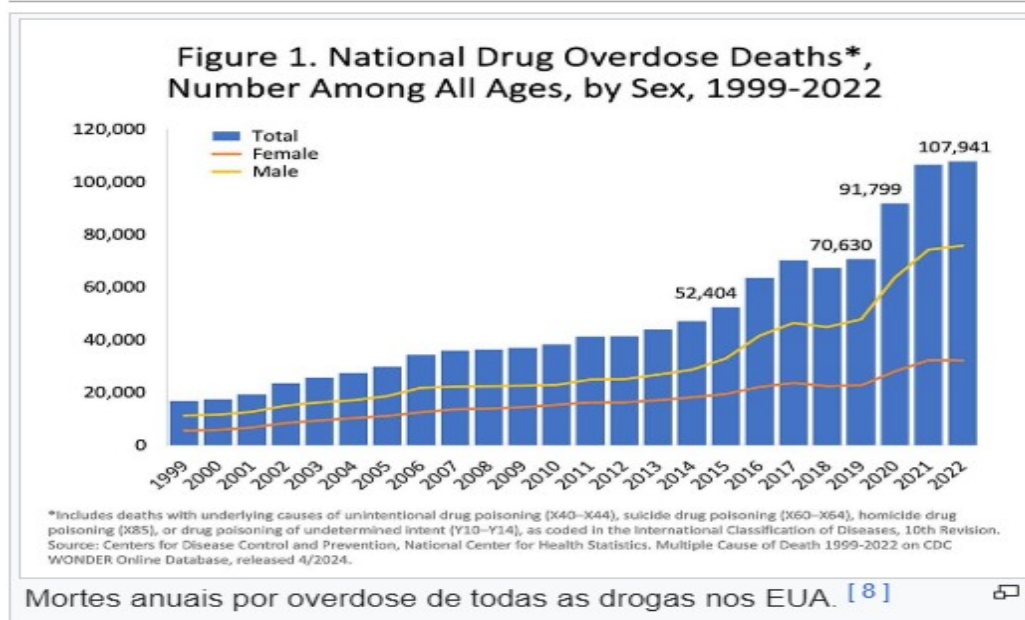
Barbara F. WALTER, a cientista política (“Como as guerras civis começam”, Companhia das Letras, 2022), inspirada em modelos analíticos da CIA, argumenta que os EUA entraram em um estado de “anocracia” (um regime híbrido entre democracia e autocracia). Diz que o país já passou pelas fases de “pré-insurgência” e “conflito incipiente”, estando perigosamente perto de uma fase de conflito aberto. Stephen MARCHE, autor de “A Próxima Guerra Civil” (2022), utiliza cenários especulativos baseados em dados reais para prever o colapso da união americana. Em análise de janeiro de 2025, ele descreve a década de 2020 como uma “década em chamas”, onde a fragmentação do sistema legal e político torna a ruptura interna uma possibilidade real. Conhecido ideólogo e jornalista “neoconservador”, Robert KAGAN, também historiador e analista político, tem alertado sobre o risco de uma crise constitucional que levaria à violência civil generalizada, especialmente após os eventos de 6 de janeiro de 2021, em Washington e a persistente contestação da legitimidade eleitoral. Thales RUFINI, pesquisador, em 2025, reforçou o alerta de que a ruptura interna nos EUA não é apenas distópica, mas um cenário que está sendo “cozinhado” por dinâmicas de identidade e perda de status de grupos dominantes.

Em resumo, defende Barbara F. Walter que as guerras civis começam quando a política se torna tão polarizada que grupos poderosos veem a violência como uma ferramenta legítima para alcançar seus objetivos, e a sociedade perde a capacidade de resolver seus conflitos pacificamente, um cenário que ela vê se aproximando em muitos lugares, incluindo os EUA.

TRAGÉDIA SOCIAL ESTADUNIDENSE

De acordo com os Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), a morte por consumo de opiáceos nos EUA tornou-se epidêmica. Cerca de 76.500 pessoas morreram no período de 12 meses que terminou em 30 de abril de 2025, a uma taxa de 210 mortes por dia. Isso representa 22,4 mortes por 100.000 residentes dos EUA, usando a população no ponto médio desse período (340.843.530 em 1º de novembro de 2024).

1968–2022 [[editar](#)]



Temática essa antigo, bem sintetizou o antropólogo W. Davis: hoje, somente metade dos estadunidenses afirmam ter relações sociais significativas, do tipo “cara-a-cara”, diariamente; a nação consome dois terços da produção mundial de antidepressivos; o colapso da família da classe trabalhadora foi responsável, em parte, “pela crise de opioides que fez com que os acidentes de carro se tornassem a principal causa de morte de cidadãos com menos de 50 anos” (“Retrato do império, em etapa decrepita”, 2020 em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/retrato-do-imperioem-etapa-decrepita/>).

ENDIVIDAMENTO RECORDE E INÉDITO

Segundo (absolutamente) insuspeito relato da revista “Veja” (23/10/2025), os Estados Unidos atingiram 38 trilhões de dólares em dívida

pela primeira vez na história, segundo um relatório do Departamento do Tesouro americano. A cifra é equivalente a **130% do PIB** (Produto Interno Bruto). A revista compara: em reais, a dívida dos americanos supera 200 trilhões de reais, na cotação atual, e representa mais de 17 vezes o PIB do Brasil. O endividamento americano - continua - tem efeito negativo sobre a confiança dos grandes financistas e investidores, na economia: em maio de 2025, a agência de classificação de risco Moody's rebaixou a nota de crédito dos Estados Unidos de AAA ("nota" máxima) para AA1; as outras grandes agências de especulação e manipulação do segmento, Fitch Ratings e Standard & Poor's, tomaram decisões semelhantes sobre a classificação dos EUA. [Aqui: <https://veja.abril.com.br/economia/divida-dos-eua-acelera-e-atinge-us-38-trilhoes-pela-primeira-vez/>]

NA DECADÊNCIA OCIDENTAL

Sublinharia que, não retilmente, inúmeros estudos reconfiguram o processo de decadência capitalista não apenas aos EUA, mas ao chamado Ocidente. no curso de ascensão e declínio da globalização neoliberal. C. LASCH (*La rebelión de las élites y la traición de la democracia*, 1996 [1995], e especialmente em "A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes", 2023[1979]); R. SENNETT (*A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, 2005 [1999]); e também Z. BAUMAN em *O mal-estar da pós-Modernidade* (2022 [1997]), esses renomados pesquisadores convergem, na análise nas das características da involução do capitalismo central: a) a desestruturação social profunda e a sistemática expansão das desigualdades; b) a enorme concentração do poder industrial e financeiro; c) o epicentro é a generalização da sensação de desesperança e do medo que passaram a *configurar a essência da sociabilidade nos EUA* – sua decadência - e na civilização ocidental.

É o que, em 2023, profetizou o polêmico antropólogo e demógrafo francês E. TODD: "A derrota do Ocidente" (Ver aqui o Prefácio à nova edição: <https://aterraeredonda.com.br/a-derrota-do-ocidente/>)

A MAGNA ESTRATÉGIA DA CHINA – UMA RESPOSTA

A nova estratégia de desenvolvimento da China (1978) e suas retificações seguintes; a 4ª revolução industrial ou indústria 4.0 e suas profundas disrupções; o surgimento e expansão dos BRICS; a estruturação, pela China, da Nova Rota da Seda (*Iniciativa Cinturão e Rota ou BRI*, com cerca de 153 países) e da Organização para Cooperação de Xangai (10 países); a aliança China-Rússia, de sentido estratégico e militar se consolida; países como a Indonésia, Índia, Arábia Saudita, se deslocam da influência geopolítica americana. São fatos históricos que acentuam o declínio imperial americano.

Noutro ângulo, em termos de projeções futuras, dados mais recentes do Fundo Monetário Internacional (FMI) indicam que o bloco BRICS ampliado deve ter representado 40,7% do PIB mundial com base na PPC (Paridade do Poder de Compra), em 2025 (BRICS, 2025), consolidando-se como o principal polo econômico em termos de participação relativa no produto global. Em contraste, os países do Grupo dos Sete (G7), historicamente dominantes, responderiam por apenas 28,4% da renda global nessa métrica. (Ver: IPEA, “O BRICS e a agenda de desdolarização: avanços e desafios na presidência do Brasil”, 2025).

Bem mais ainda. Conforme levantamento bem recente, em 2013, momento de expansão expressiva do comércio internacional, a China mantinha cerca de U\$S 1,32 trilhão em títulos do Tesouro dos Estados Unidos. A obtenção de superávits comerciais, anos seguidos, pelo governo chinês, assim como o reinvestimento dos dólares excedentes (“reciclagem”) transformaram o gigante asiático no maior credor externo de Washington. Em programada “redução de exposição” esse estoque caiu para algo entre U\$S760 a 800 bilhões, segundo dados oficiais. Isso significa uma diversificação de dólares em outros ativos e moedas, que ultrapassa nada menos que meio trilhão de dólares, algo inédito desde o início da estratégia de desenvolvimento e defesa “Reforma e Abertura”, iniciada em 1978 (Aqui: [Fim de uma era: Pequim corta financiamento indireto ao déficit americano | Brasil 247](#)).

(Ver também: <https://www.infomoney.com.br/economia/china-bate-recorde-comercial-em-2025-mesmo-com-tarifaco-us-12-trilhao-de-superavit/>)

PARTE III

ISOLAMENTO

Esse é o “Sistema de contradições” – objetivo - em que o império americano está enredado. Em particular a reviravolta estratégica da República Popular da China - socialista -, de Desenvolvimento e Defesa revela uma colossal compreensão acerca do processo de decadência das potências, para reagir, também no terreno da potência hegemônica (“Reforma e Abertura”), com sofisticadas iniciativas geoeconômicas, de longo prazo, para o isolamento americano e expansão da influência econômica chinesa global, em particular.

Nessa problemática complexa, do declínio americano, que já se arrasta, além de indispensável contra tergiversações metafísicas, a obra clássica de M. BANDEIRA (“A formação do império americano”, 2005) [6] - publicada em segunda edição, em Mandarin, na China (2014) -, prescrutando as entranhas da construção do império, à debacle, Bandeira produz capítulo a capítulo o entrelaçamento contínuo da conduta geral interna e externa dos EUA, sempre baseada na “predestinação divina”, no messianismo nacional herdado da tradição puritana judaico-cristã e fundamentalista. Evolução que se expressa por inteiro na arrogância, no militarismo e na mentira em que já se tornaram a

cartilha pública, especialmente desde os governos fanáticos de G. W. Bush, analisados pelo autor.

Assim, segundo Bandeira - em cujo capítulo XIII narra com dramaticidade e desconhecidas informações a crise dos mísseis entre Kennedy, Krushev e Fidel; crise colada na máfia e na CIA americanas -, ao então recusar certas orientações do estrategista Z. Brzezinski, G. Bush já levava os EUA ao “perigoso isolamento”, a uma “América isolada”. E ao transformar em política de Estado a tortura “terceirizada”, estabelecer campos de concentração (Guantánamo, Abu Ghraib), desmoralizara já então “todos os princípios do direito internacional, a soberania nacional e a autodeterminação dos povos” (idem, p.791), a política imperial dos EUA trocaram o “império da liberdade” trombeteado por Tom Paine na “liberdade para o império” (idem, p.792).

Cumprе observar que, junto a “A segunda guerra fria. Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos. Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio” (2013),[7] Bandeira dá curso a uma interpretação impecável da trajetória do império norte-americano buscando novamente um método ético que não lhe afeta o rigor do objeto pesquisado. Noutras palavras, o que resulta claramente da perspectiva imperialista dos EUA, ele não se precipita – nos dois estudos referidos – qualquer conclusão subjetivista e deformada; tampouco se deixava iludir com a natureza da agressividade expansionista da decadência imperialista. Afirmou nessa obra o mais brilhante teórico da geopolítica do Brasil, que, a partir dos anos 2000,

“...os Estados Unidos intensificaram ostensivamente os esforços, para manter e expandir além-mar a presença de suas forças armadas, a capacidade de projetar rapidamente seu vasto poder e operar ‘unilateralmente ou em combinação com parceiros multinacionais e interinstitucionais, a fim de alcançar o domínio em todo o espectro’” (“a full spectrum dominance”; Op. cit., p.597). [8]

Em “A desordem mundial” o professor Bandeira encerra sua poderosa trilogia. Não à toa denominou seu último e excelente estudo (2016) de “A desordem mundial: o espectro total da dominação: guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias”. [9] Ele recorda ali que o ex-presidente americano Obama, em aliança direta com o francês F. Sarkozy e o britânico D. Cameron, ordenou o bombardeio da Líbia, que culminou na morte – fuzilado e por empalamento – do então presidente líbio M. Kadafi. Segundo Moniz Bandeira, sob Obama, as matanças, o caos e as catástrofes humanitárias dilaceraram o Afeganistão, Iraque, Iêmen, Gaza e países da África – este o verdadeiro sentido de “caos” revelado pelo historiador. Aduz, entretanto, ele em seguida: **“...desde o fiasco do Vietnã os Estados Unidos deflagraram**

muitas guerras, mas não foram capazes de alcançar seus objetivos” (Op. cit., pp.145-6; negrito nosso).

Não é estranhável, portanto, que as invasões do Iraque, do Afeganistão, da Síria e da Líbia aconteceram após os sonhos de uma noite do verão americano: a década de 1990 do “fim da história”. A década de 2000 implicam numa nova fase de expansão imperial, interrompida em parte pela grande crise capitalista iniciada em 2007-8, a partir dos EUA. Expansão dominial coarctada com a severa crise econômica da pandemia do Covid-19, de eclosão global em 2020-21.

O CADÁVER MONROE

A decadência [10] do imperialismo norte-americano não só é factual, multifacética, ademais parece mesmo expressar o declínio de uma civilização inserida no modo de produção capitalista e suas sociedades burguesas; seus impasses inúmeros e crises frequentes, estruturais. Por óbvio, não há fatalismo histórico, mas são mais que evidentes as tendências plasmadas. Na mesma toada, não há debacle imperialista iminente. Isso é artifício argumentativo demagógico e oportunista.

E não há ‘documento’, profissão de fé ou demagogia dissimulatória que reverta esse processo. Como remédio milagroso teratológico, ressuscitar o cadáver insepulto de James Monroe, do século XIX ao XXI, é simplesmente uma hipostasia academicista. A recente tentativa imperialista americana de reviver a “Doutrina Monroe” (1823), nessas circunstâncias históricas do século 21, será completamente fracassada em todos os seus objetivos centrais: *a subordinação militarizada e à força de sanções econômicas a todo o “Hemisfério Ocidental”!*

Contribuem para isso as grandes mobilizações internas contra a perseguição e o encarceramento, as deportações em massa de imigrantes, a brutal ação policial, nos EUA; a ruptura política ameaça uma catástrofe social. O império americano sofre dilacerações e divisões conflituosas em suas entranhas. Enquanto os recentes acordos comerciais Mercosul- UE, Brasil e Canadá, Índia-EU e possivelmente China e Canadá redimensionam o isolamento tático-estratégico estadunidense.

Desconhece-se, relativamente à estratégia Monroe anterior que, (i) a começar pela ideia de que a motivação, desde T. Jefferson, até T. Roosevelt, ela se baseava na oposição à recolonização continental, pretendida especialmente pela Inglaterra, também pela França, Alemanha e Espanha. (ii) O que, de nenhuma maneira tem a ver com a atual e crescente presença comercial e estratégica (também militar) da China e da Rússia em vários

países latino-americanos: porque não existe aí nem colonização tampouco recolonização.

De outra parte, ao contrário da vã filosofia, a “Doutrina Monroe”, tencionando claramente bloquear a recolonização latino-americana terminou se circunscrevendo ao Caribe! (Ver: Carlos Gustavo Poggio TEIXEIRA, 2014, <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/NtyHN9QBWLBTB4bZNJG6F3R/?format=pdf&lang=pt>). A propósito, quase nada se diz que, como argumentam Moniz Bandeira e Niall Ferguson, de maneira similar, quando caracterizam a “Doutrina Monroe” como de sentido geral anticolonialista; assumindo depois, com o presidente T. Roosevelt, e o secretário de Estado R. Olney, sua natureza expansionista (Ver: “*Formação do império americano*”, 2005, de M. Bandeira, cap. 1; “*Colosso – ascensão e queda do império americano*”, 2011[2004]), de N. Ferguson, cap.1).

O império do Norte pode tentar – e ensaiar, pois, tem poderes - bombardear um país, sancionar, impor tarifas praticamente a quem ele quiser: a questão central são as inevitáveis consequências para o aceleração da sua derrocada, por quaisquer dos ângulos que se observe. Talvez exceto pelo seu poderio informacional/cibernético na presente etapa histórica - inegável sua superioridade no controle das chamadas Big Techs.

A agressividade imperialista promovida pelo governo Trump, o pretendido aumento do orçamento militar para U\$S 1, 5 trilhão revelam que, mais uma vez, a “lei” do declínio dos impérios aplica-se plenamente aos EUA de hoje, enquanto potência. [11] Assim como, em dezembro último desvelaram uma anunciada estratégia de segurança a mimetizar uma cortina de fumaça do brandir uma “guerra assimétrica”. O que pode ser insinuado com a concomitância do sequestro terrorista do presidente da Venezuela, as ameaças a Cuba, Colômbia, Panamá, Groelândia e ao Irã.

A propósito, o especialista em estudos geopolíticos Darc COSTA, ainda, distingue bem a “guerra assimétrica”, na qual esta ocorre em “ações mais espaçadas no plano internacional”. (“*Os novos tipos de guerra*” em: “Cadernos de estudos estratégicos”, Escola Superior de Guerra-Centro de Geopolítica e Estudos Estratégicos, nº1, março/2019, pp.23 e 25). Noutras palavras, a guerra irregular é a do espaço amplo; a assimétrica é a do *espaço ilimitado*; a híbrida é a do espaço delimitado (Op. cit., 2019, p.27).

As políticas internas e externa do governo Trump estão sendo contestadas flagrantemente. Particularmente suas política externa e estratégia de segurança gestam outras contradições antagônicas. E empurrarão os EUA a um pântano movediço.

NOTAS

[1] Ver: “Colosso. Ascensão e queda do império americano”, N. Ferguson, São Paulo Planeta, 2011, pp. 82-83

[2] Um extenso debate sobre o “Sistema” Kant, Hegel e Marx encontra-se em nossa dissertação de Mestrado (2003), na Seção introdutória “*Um preâmbulo sobre a noção de “Sistema”*”. A grafia é anterior a atual.

<https://www.academia.edu/83141975/>

[Capitalismo e crise contemporânea a razão novamente oculta](#)

[3] Ver: “*Dialética do concreto*”, K. Kosik, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, pp. 11-20 2ª edição.

[4] Em: *Sobre o fim dos impérios*, em: Globalização, democracia e terrorismo, E. Hobsbawm, São Paulo, Companhia das Letras, 2007, p.85.

[3] *Carta de Marx a Engels*, de 1867, em: “Dialética do concreto”, Karel Kosik, idem, p.13.

[4] Cf. “*Totalidade e contradição. Acerca da dialética*”, de J. Barata-Moura, Avante!, 2012, 2ª edição, Cap. V.

[5] Ver: “A Guerra Civil dos Estados Unidos”, K. Marx e F. Engels, São Paulo, Boitempo, 2022, p. 30. A Tarifa Morrill foi aprovada em 2 de março de 1861, com objetivo de: “**proteger a indústria nacional e promover seu desenvolvimento da concorrência no exterior**”. Ver a nota 4, “O Time de Londres e lorde Palmerston”, Op. cit., p. 44, negrito nosso.

[6] “*Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*”, L. A. M. Bandeira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

[7] “*A segunda guerra fria. Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*”, L.A. M. Bandeira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

[8] Já no Prefácio ao explícito “*O crepúsculo do império e a aurora da China*” (2012), em D. Noronha a narrativa acerca da decadência aparece onde deve: [há] “...lúcida percepção das mudanças da correlação mundial de forças, demonstrando a erosão que corrói o Império Americano...cuja segurança depende cada vez mais do poder militar a um custo insustentável, em contraste ao alvorecer da China”. “(...) Há alguns acadêmicos que tentam negar o declínio -afirma -, com o argumento de que ainda são a maior potência militar do planeta...O poderio militar dos EUA, no entanto, tem limites econômicos e financeiros” (Ver as pp. 7 e 11 do Prefácio, Durval de Noronha GOYOS JR. Observador Legal 2012).

[9] Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

[10] A quem manifestar seu direito (científico) à dúvida, recomendo, ainda, uma leitura diversificada, porém essencialmente convergente, nesses dez textos: 1) <https://ihu.unisinos.br/categorias/657645-assim-trump-acelera-o-declinio-dos-eua-artigo-de-michael-hudson>. 2) <https://jacobin.com.br/2025/12/o-mundo-apos-o-declinio-estadunidense/>. 3) <https://www.cartacapital.com.br/mundo/temos-maws-e-nao-maga/>. 4) <https://jacobin.com.br/2025/06/trump-esta-precipitando-o-declinio-dos-eua-e-a-mudanca-da-hegemonia-global/>. 5) <https://www.brasil247.com/entrevistas/somos-agora-um-imperio-em-declinio-e-precisamos-aceitar-diz-richard-wolff>. 6) <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/634531-a-queda-de-roma-e-o-declinio-dos-estados-unidos-se-parecem-muito-entrevista-com-peter-heather-e-john-rapley>. 7) <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2024/12/06/eua-estao-em-decadencia-diz-promotor-da-desdolarizacao-no-brics.htm>. 8) <https://horadopovo.com.br/o-aprofundamento-da-decadencia-americana-por-andrei-martyanov/>. 9) <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/da-crise-americana-ao-possivel-vazio-hegemonico/>. 10) <https://vermelho.org.br/2010/12/14/declinio-e-queda-do-imperio-americano/>.

[11] Esta clássica problemática foi esmiuçada por Montesquieu, E. Gibbon, e mais recentemente por P. Kennedy e N. Ferguson. Ver: “*Considerações sobre as causas da grandeza e sua decadência*”, Montesquieu, Rio de Janeiro Contraponto, especialmente, caps. IX, XII, XII. “*Declínio e queda do império romano*”. Edward Gibbon, Companhia das Letras, São Paulo, 1989, especialmente caps. XIII e XV. “*Ascensão e queda das grandes potências. Transformação econômica e conflito militar 1500-2000*”, Paul Kenendy, Rio de Janeiro, Campus, 1989, especialmente pp.487-513. “*Colosso. Ascensão e queda do império americano*”, Neil Ferguson, São Paulo, Planeta, especialmente capa. 1 e 8.